



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,

EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UnB/UAB

PERCEPÇÃO DE ALUNO, FAMÍLIA E PROFESSORA SOBRE AS

BARREIRAS ARQUITETÔNICAS NA ESCOLA.

MÁRCIA NASCIMENTO OLIVEIRA

ORIENTADOR(A): Prof. Dr. Francisco José Rengifo Herrera

BRASÍLIA/2015



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

MÁRCIA NASCIMENTO OLIVEIRA

**PERCEPÇÃO DE ALUNO, FAMÍLIA E PROFESSORA SOBRE AS BARREIRAS
ARQUITETÔNICAS NA ESCOLA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP – UnB/UAB.

Orientador (a): Prof. Dr. Francisco José Rengifo Herrera.

BRASÍLIA/2015

TERMO DE APROVAÇÃO

MÁRCIA NASCIMENTO OLIVEIRA

**PERCEPÇÃO DE ALUNO, FAMÍLIA E PROFESSORA SOBRE AS
BARREIRAS ARQUITETÔNICAS NA ESCOLA**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UnB/UAB. Apresentação ocorrida em ___/___/2015.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

PROF.DR. FRANCISCO JOSÉ RENGIFO HERRERA (Orientador)

PROF.^a.DR.^a. FATIMA ALI ABDALAH ABDEL CADER-NASCIMENTO (Examinadora)

MÁRCIA NASCIMENTO OLIVEIRA (Cursista)

BRASÍLIA/2015

DEDICATÓRIA

Dedico este à minha amada família

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus, pois sem sua permissão nada em nossa vida pode ser realizado. Agradeço também de maneira muito especial à minha família, meu querido esposo que por várias noites foi descansar sozinho enquanto eu realizava minhas pesquisas, filhos que muitas vezes falavam: mamãe estou com fome, e ouviam : só mais um minutinho meu amor, mamãe está terminando, só mais esse parágrafo.

Enfim agradeço a meu orientador por todo apoio, permitindo assim mais esta conquista em minha trajetória profissional.

RESUMO

A presente pesquisa que tem como tema a percepção de aluno, família e professora sobre as barreiras arquitetônicas na escola, tem por objetivo geral conhecer como usuários significam sua mobilidade em uma escola inclusiva. Com metodologia qualitativa, optou-se por utilizar uma entrevista semiestruturada onde os principais resultados ressaltam a dificuldade da aluna em vivenciar a inclusão a partir da falta de estrutura física da escola, ou seja, das barreiras arquitetônicas. Diante destas considerações, conclui-se que a acessibilidade mediante a infraestrutura, com aspectos que permeiam a afetividade, onde o bom relacionamento dos professores com a aluna tem contribuído para a questão física e material do acesso, apresentado pela conquista do desejo de aprender, respeitando suas individualidades, criando ambientes mais agradáveis e propícios para a aprendizagem e práticas físicas.

Palavras-Chave: Barreiras Arquitetônicas; Escola; Inclusão.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1 Breve relato sobre o movimento de Inclusão	10
2.2 Barreiras Arquitetônicas e suas implicações no processo de inclusão	10
2.3 Acessibilidade	11
2.4 Deficiência Física.....	13
3 OBJETIVO GERAL	14
3.1 Objetivos específicos.....	14
4 METODOLOGIA	15
4.1 Contexto da pesquisa.....	15
4.2 Participantes.....	15
4.3 Material e equipamento	16
4.4 Instrumento	16
4.5 Procedimento de construção de dados	16
5 RESULTADOS	17
5.1 Relato da Observação.....	17
5.2 Entrevista com a mãe da aluna	18
5.3 Entrevista com a aluna	19
5.4 Entrevista com a Professora.....	20
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
7 REFERÊNCIAS.....	24

1 APRESENTAÇÃO

A escolha do tema deste estudo tem relação com a profissão que exerço, sou fisioterapeuta formada há 20 anos. Durante o exercício desta profissão, percebi que a falta de acessibilidade é uma das principais dificuldades encontradas pela pessoa com deficiência física no ambiente escolar. Evidentemente, que estamos cientes de que estas barreiras estão presentes não somente nas escolas, mas também em todo espaço social, como: calçadas sem rampas de acesso, falta de barras de segurança, banheiros públicos não adaptados, etc. Acredita-se que no contexto atual em que se discute a permanência qualitativa dos estudantes com deficiência no ambiente da escola regular, faz-se necessário investigar qual a percepção dos usuários sobre o processo de acessibilidade no ambiente interno da escola.

A importância de se investigar este tema é esclarecer a respeito destes obstáculos e “tentar” fazer com que eles sejam minimizados. Desta forma, contribuindo com a redução dos espaços de exclusão em nossa sociedade, na qual, acredita-se que, atualmente, não exista mais espaço para “exclusão”. Considerar a perspectiva da pessoa que vivencia cotidianamente as barreiras torna-se um importante avanço. Normalmente o trabalho sobre as barreiras arquitetônicas é discutido entre equipes profissionais. Contudo, a ideia que os usuários têm dos contextos, da forma como eles são enfrentados, das alegrias e frustrações que surgem no uso envolve níveis pouco analisados e quase esquecidos na pesquisa sobre o tema, portanto, queremos dar voz aos usuários do sistema.

Seguindo este raciocínio, a inclusão de alunos com deficiência na rede regular de ensino vai muito além da matrícula. Faz-se necessário que haja projetos que garantam seu aprendizado, autonomia e independência no espaço interno da instituição. A acessibilidade é muito importante para que esta inclusão ocorra e, sendo assim, torna-se de extrema necessidade a eliminação das barreiras arquitetônicas do cenário, conforme evidencia os estudos de PALMA e MANTTA (2010).

As barreiras arquitetônicas são analisadas, preferencialmente, segundo uma perspectiva física. As dificuldades geradas, a forma de resolver os problemas com as barreiras, alternativas para superá-las são aspectos que precisam ser considerados pela escola. No entanto, há poucos estudos sobre como os usuários significam essas barreiras, o que para eles representam, como eles se colocam diante de um contexto atravancado de obstáculos e empecilhos, esta será nossa preocupação com o presente estudo. Pretendemos conhecer como usuários significam esta realidade.

As barreiras, por assim dizer, representam uma visão do quanto os tipos de barreiras influenciam negativamente a vida dos seus usuários, requerendo uma visão específica desta questão. Para tanto, Foi realizada uma pesquisa sobre o significado destas barreiras arquitetônicas para uma aluna, uma mãe e uma professora de uma escola no município de Buritis-MG.

O presente trabalho está organizado em três partes: fundamentação teórica, metodologia e resultados. Na primeira parte tentamos esclarecer um pouco sobre quais são as barreiras arquitetônicas que dificultam e muitas vezes impedem a inclusão do aluno com necessidades educacionais especiais nos espaços comuns. Buscamos evidenciar as implicações para as pessoas que apresentam a deficiência física. Além disso, descrevemos, ainda, brevemente, sobre as deficiências e, também, sobre a acessibilidade que proporcionará uma maior independência a esta aluna.

Na segunda parte descrevemos a nossa opção metodológica, para a abordagem das implicações das barreiras arquitetônicas. Desta forma optamos pela abordagem qualitativa uma vez que tentaremos dar voz as pessoas que vivenciam estas barreiras, evidenciar o que significa para elas vivenciar espaços restritivos a sua autonomia e independência segundo uma perspectiva de inclusão no contexto educativo. Desta forma, os aspectos pertinentes a metodologia são descritos como: o contexto da pesquisa, os participantes, os materiais utilizados, os procedimentos assumidos durante a obtenção dos dados e o processo utilizado para realizar a análise das informações obtidas. Por fim, na última parte, apresentamos os resultados obtidos com este trabalho.

Queremos com a sistematização deste estudo descrever o relato dos participantes sobre o que vivenciam quando se deparam com barreiras encontradas na escola. O que pensam a esse respeito e como conseguem ultrapassar esses empecilhos apesar das dificuldades.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Breve relato sobre o movimento de Inclusão

O movimento de integração se deu por volta do ano de 1960, a partir do momento em que se notou a necessidade de ter acesso a educação, também as crianças que apresentassem algum tipo de deficiência sensorial, física, intelectual ou múltipla. Com o aumento e diversificação do público escolar, as escolas tinham que procurar caminhos para promover o sucesso de todos os alunos. (SANCHES *et al*, 2006).

Ainda em meados dos anos 60, alguns países com origem na Europa, aderiram ao movimento e começaram a colocar as crianças com deficiência em escolas de ensino regular acompanhadas por professores com capacitação em ensino especial. Segundo Sanches *et al*, (2006, p. 15)

Alguns anos depois, em meados de 1990, ocorreu a ruptura com a educação especial com a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, reforço com a Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais que deu origem a Declaração de Salamanca que foi assinada por 92 países e 25 organizações internacionais, reforçando o direito a todas as crianças e jovens com NEE de ter uma educação de qualidade.

Várias políticas foram criadas por grupos organizados que garantissem as pessoas com algum tipo de deficiência e a seus pais, os direitos fundamentais e a eliminação da discriminação (MENDES; GONÇALVES, 2006).

De acordo com Maciel (2000) apesar de a inclusão escolar ter sido fortalecida pela Declaração de Salamanca, não foram resolvidos todos os problemas de marginalização das pessoas com deficiência. Esta postura decorre do fato de que o processo de exclusão é anterior ao período de escolarização, iniciando-se no nascimento ou no momento em que aparece algum tipo de deficiência física ou mental em algum membro da família, se agravando para as menos favorecidas.

2.2 Barreiras Arquitetônicas e suas implicações no processo de inclusão

As crianças que apresentem qualquer tipo de comprometimento seja ele motor, mental, comportamental ou sensorial, necessita de soluções particulares e coletivas, pois estar na

escola significa estar em grupo em diferentes espaços e atividades. Portanto, é necessário realizar intervenções para adequação ambiental, dos equipamentos e mobiliários, assim como ações que promovam a eliminação das barreiras arquitetônicas, acesso fácil aos equipamentos, mobiliário, ao material pedagógico, enfim ações que facilitem a vida deste aluno com deficiência para que possa ser incluso no ensino regular (ROCHA, FREDINI; LUIZ; ZULIAN, 2003)

O conceito de inclusão surgiu no Brasil, sob influência americana na década de 1970, onde “as escolas comuns passaram a aceitar crianças ou adolescentes deficientes em classes comuns, ou, pelo menos, em classes especiais. Essa filosofia foi amplamente difundida ao longo da década de 1980 no panorama mundial” (MENDES, 2006).

A relação da inclusão com as Políticas Públicas se deu mediante a necessidade de organização e proposta de integração nas escolas regulares, gradativamente a partir da década de 80.

2.3 Acessibilidade

Acessibilidade pode ser definida como o direito de acesso à educação, à saúde, ao lazer e ao trabalho por meio de estrutura física e humana. Essas áreas contribuem para a inserção social, desenvolvimento de uma vida saudável e de uma sociedade inclusiva (PAGLIUCA et al, 2007).

Desta forma, a preocupação com a acessibilidade veio com a necessidade de que todos os cidadãos, independentemente de quem eram ou quais deficiências apresentassem, precisavam fazer parte da sociedade e usufruir de seus direitos.

Da parte das Políticas Públicas, advém a inserção de leis e normas que regimentam a acessibilidade, conforme Pagliuca et al, 2007, p. 5:

Como amparo legal deste estudo, menciona-se a Lei nº10.098 de 19 de dezembro de 2003, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade por pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida. As normas foram estabelecidas para assegurar a integração social por meio do exercício dos direitos individuais e sociais, embasadas no respeito à dignidade e na justiça social, no intuito de possibilitar às pessoas com limitação física acesso à educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer, à previdência social, além de amparo à infância e à maternidade. Assim, a lei contempla basicamente todas as áreas indispensáveis à inclusão social das pessoas com limitação.

Todos os órgãos públicos, entre eles a escola, devem oferecer acesso a todo e qualquer cidadão, seja ele um indivíduo com deficiência. Porém, sabemos que infelizmente não é isso o que acontece, principalmente em relação a acessibilidade, pois vemos a todo instante que as barreiras arquitetônicas estão presentes em todos os lugares como nas portas dos comércios, nas calçadas sem rampas de acesso, banheiros públicos não adaptados, escadas sem corrimão e assim por diante, conforme destaca Damasco, (MCMC-2011)

Fundamenta-se que educação na escola, fazendo um viés na legislação inclusiva que proporcionou a garantia de direitos sociais e, por fim, fortaleceu a inclusão da pessoa com deficiência no contexto educacional também compreende a importância de um espaço escolar com toda a infraestrutura suficiente e necessária para se atender cada aluno. Na atualidade todo o segmento de profissionais, pais e as próprias pessoas com necessidades educativas especiais denominam como inclusão novo pensamento e ação, no sentido de incluir todos os indivíduos, inclusive no contexto educacional (SALVI, 2010).

Tal contexto visa combater a não elucidação da adaptação física e material do espaço escolar, contribuindo para o equilíbrio do processo de desenvolvimento, pois somente com mecanismos de compensação das limitações apresentadas por esses indivíduos, a escola poderá fortalecer atitudes de superação, onde é necessário aceitar e reconhecer que a deficiência deve ser atendida mediante medidas e procedimentos inclusivos, materiais ou não, conduzindo a dignidade e a busca da convivência harmoniosa entre todas as pessoas na sociedade (FÁVERO, 2010).

Pois, o processo de exclusão sempre esteve presente na história da educação brasileira, onde crianças, adolescentes, e adultos eram classificados por suas características, relegados à margem da sociedade, discorrendo acerca do período em que a educação especial era chamada de integração e aos alunos deficientes eram integrados nas escolas regulares, mas somente se conseguissem acompanhar o processo educacional comum. E a oferta de educação para deficientes dependia muito de entidades filantrópicas (BRASIL apud DUTRA; SANTOS 2010).

Segundo Lamonica, 2008, acessibilidade é um direito de todo cidadão, assegurado por lei para que os portadores de deficiência tenham a possibilidade de usufruir de recursos e ações no âmbito social. Barreiras arquitetônicas interferem na vida destes podendo deixa-los a parte da convivência e vida social.

Sabemos, portanto que o ser humano precisa crescer ser valorizado, desenvolver suas atividades, mas muitas vezes ele é impedido devido as barreiras que estão presentes nas escolas onde a pessoa com deficiência na maioria das vezes não tem condições de acesso e permanência. (TAGLIARI; OLIVEIRA,2006).

2.4 Deficiência Física e sua definição

Deficiência física é todo comprometimento da mobilidade, coordenação motora geral ou da fala, causado por lesões neurológicas, neuromusculares e ortopédicas ou ainda por má formação congênita ou adquirida (TAGLIARI; OLIVEIRA, 2006)

Segundo o Decreto 3.298/99 da legislação brasileira deficiência física é alteração completa ou parcial de um ou mais “segmentos do corpo humano acarretando o comprometimento da função física apresentando-se sob a forma de paraplegia, paresia, monoplegia, monoparesia, hemiplegia, hemiparesia”, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções (BRASIL, 1999, p.1).

3 OBJETIVO GERAL

Conhecer como usuários significam sua mobilidade em uma escola inclusiva.

3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever a infraestrutura da escola, como são significadas e o que pode ser derivado dessas barreiras.
- Analisar as narrativas expressas por três atores educacionais que participam de uma escola no município de Buritis-MG acerca das significações que para eles têm as barreiras arquitetônicas desta escola.
- Analisar quais são os desafios enfrentados pela família e professora deste aluno.
- Salientar a forma como os atores posicionam-se diante das possibilidades de se ter, ou não, acessibilidade no ambiente escolar.

4 METODOLOGIA

A presente pesquisa tem por base o processo qualitativo.

Na visão de Reis (2010, p. 67) a pesquisa qualitativa “tem como objetivo interpretar e dar significado aos fenômenos sem empregar os métodos e as técnicas estatísticas como base do processo de análise de um problema”, ou seja, esse tipo de pesquisa possibilita o pesquisador interpretar os fenômenos analisados sem ter como foco principal, estatísticas.

4.1 CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma escola a rede municipal na cidade de Buritis – MG, no Bairro Israel Pinheiro. A mesma é composta pelos seguintes profissionais: psicólogo; pedagogo; professora da sala de recursos; professora regente; pais.

A escola é uma rede, constituída por pais, amigos, pessoas com necessidades especiais, voluntários, profissionais e instituições parceiras- públicas e privadas para a promoção e defesa dos direitos de cidadania da pessoa com deficiência e a sua inclusão social.

A elaboração, aplicação, desenvolvimento e controle de programas de prevenção de deficiências e de atendimento específico dos casos que compõem sua clientela são de responsabilidade de uma equipe de profissionais especializados e com qualificação correlata a cada área dos campos da reabilitação, habilitação, educação e assistência social.

4.2 – PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa três pessoas, sendo uma professora, a aluna e a mãe da aluna.

Sendo que os dados pessoais da professora: data de nascimento 02/12/1962, 53 anos; escolarização: normal superior com pós-graduação em educação especial. A aluna: data de nascimento 28/05/1995, 21 anos, diagnóstico de paralisia cerebral, triplegia espástica, deficiência intelectual leve, cadeirante, escolarização 6º ano. A mãe, data de nascimento 25/03/1947, 68 anos, escolarização 2º ano, só escreve o nome.

4.3 MATERIAL E EQUIPAMENTO

Utilizou-se neste estudo os seguintes materiais: papel, lápis, caneta.

4.4 INSTRUMENTO

Utilizou como instrumento metodologia uma entrevista semiestruturada para que as pessoas pudessem ser entrevistadas (aluna, mãe e professora) bem como uma observação acompanhando a rotina da aluna de maneira a se obter todas as suas informações sobre o tema.

O instrumento utilizado foi um roteiro de perguntas organizado em três partes: identificação, experiências de mobilidade e locomoção no espaço interno da escola; e sugestões com roteiro de observação da infraestrutura da escola.

4.5 PROCEDIMENTO DE CONSTRUÇÃO DE DADOS

Para a construção de dados, foi visitada a escola, onde se apresentou a carta de permissão da pesquisa, explicando o projeto e colhendo as assinaturas nos TCLEs.

Posteriormente, foram agendadas as visitas de observação, seguida de outro dia para as entrevistas; após a coleta das assinaturas de permissão.

A entrevista foi realizada com todos os atores envolvidos, aluna, mãe e professora, na própria escola, utilizando o roteiro de perguntas diversas sobre o tema em questão durante a entrevista individual com cada participante, onde os participantes falavam e tudo era anotado. As três entrevistas no mesmo dia, em horários diferentes.

Nesta escola foram observadas também todas as barreiras arquitetônicas existentes como: rampas de acesso, dimensão das portas das salas de aula, adaptação dos banheiros.

Todo o trabalho foi realizado em uma escola pública do município de Buritis – MG.

5 RESULTADOS

5.1 Relato da Observação

Roteiro do dia em que será realizada a entrevista com as três pessoas envolvidas na pesquisa.

Data: 07/10/2015

Local: Escola no município de Buritis-MG

Aguardo a aluna na entrada da escola para observar as dificuldades que ela e sua mãe encontram ao chegar e entrar na escola até a sua sala de aula.

Observo a aluna em sua sala em torno de 30 min, sua interação com os colegas, apoio da professora, comportamento da turma em relação a ela, dificuldade com o mobiliário etc.

Observo as barreiras arquitetônicas que promovem a dificuldade da aluna, tais como rampa, mobiliário etc.

Acompanho a aluna ao banheiro para que possa me relatar quais são suas dificuldades neste local por não ser adaptado. Observo o que ela relata quanto as barreiras arquitetônicas interferem no bom andamento das aulas, do aprendizado.

Entrevista com a mãe da aluna.

Entrevista com a aluna.

Entrevista com a professora.

Observação da aluna no decorrer do lanche (dificuldades encontradas, apoio e colaboração dos colegas, impossibilidade de participar de certas atividades devido as barreiras arquitetônicas neste local).

Conversa com todos os atores envolvidos em conjunto para saber suas opiniões, sugestões, dificuldades, facilidades acerca do tema.

Encerramento do trabalho proposto (entrevistas e observações) e agradecimento aos atores.

5.2 Entrevista com a mãe da aluna

Quando indagada acerca das Barreiras Arquitetônicas, a mãe respondeu: “Ahhhh, o que é isso?”. Sendo que, ouvindo a explicação do termo esta ainda completou: “Eu não sabia que essas dificuldades tinham esse nome!”. O que implica em compreender que cidadãos comuns na sociedade e na comunidade escolar muitas vezes não conhecem o termo específico relacionado a acessibilidade, mas que vivenciam esta realidade no cotidiano, sendo necessário que se divulgue mais o termo adequado.

Quanto a grande dificuldade, ela explica que: “Quando preciso sair com minha filha de casa há muita dificuldade, principalmente por causa das rampas. Essas não existem!. Por isso, meu marido, pai da menina, fez uma rampa na porta de nossa casa, já ajudando na saída da menina e no transporte até o ônibus escolar.” Constata-se nessa fala que o simples fato da rampa ser construída já é ponto positivo a se considerar quanto a importância da erradicação das barreiras arquitetônicas como entrave na acessibilidade da aluna. Aqui, a contribuição direta do pai da aluna fez a diferença, ficando a reflexão de que é preciso que toda a sociedade se mova em prol disso.

A mãe ainda relatou que “o portão da escola é estreito, tem que abrir o portão ao lado. E a porta da sala de aula também é estreita! No banheiro tudo é muito apertado e difícil para passar com a cadeira de rodas e não há barras para que minha filha possa se apoiar! É uma dificuldade só! E entre um cômodo e outro da escola há degraus e piso irregular que dificulta a cadeira de rodas circular e andar com facilidade.” A fala da mãe retrata o quanto a escola ainda possui barreiras arquitetônicas que compreendem especial atenção por parte do grupo escolar, bem como da própria mãe da aluna, que necessita sempre se desdobrar em prol do atendimento e acessibilidade da aluna. Frente a tudo isso, a escola também construiu uma rampa de acesso na entrada principal do prédio. Ato que ajuda, mas precisa alcançar outras barreiras arquitetônicas do espaço escolar.

Toda esta situação permite que a mãe da aluna expresse sentimentos de tristeza e impotência, pois não tem como ajudá-la, dizendo: “Se pudesse e tivesse condições, eu e meu marido faríamos o necessário e impossível para que nossa filha andasse livre por aí nessa escola. Mas tudo fica caro e eu sei que a escola também depende do governo para construir aqui o que precisa. Aí vamos ficando desse jeito”.

Assim, a mãe ainda relata: “Deveria haver reforma destas escolas que recebem o aluno com deficiência física, com rampas, portas largas, banheiros com barras, retirada de degraus e tudo mais para facilitar o movimento destes alunos.” Toda essa angústia e pedido de socorro provêm da realidade da escola brasileira, que muitas vezes fica a mercê de verbas, atenção e intenção em prol dos alunos com deficiência e sua acessibilidade segura e de qualidade na sala de aula, como garantia de aprendizado.

É observado que as barreiras arquitetônicas representam um impasse para as intenções e necessidades que a aluna tem e que a mãe anseia por atender.

5.3 Entrevista com a aluna

Quando indagada acerca das barreiras arquitetônicas, a aluna respondeu que: “Eu não sei o que é isso... ah, desculpe. O que é mesmo?” Ao ser explicado o termo esta apresenta sinal de espanto e começa a falar novamente: “Essas barreiras estão presentes o tempo todo em minha vida, especialmente na escola, onde passo muito tempo pelejando.” A fala da aluna expressa a dificuldade que esta tem enfrentado no cotidiano e no desejo de que tudo isso mude.

Pois, a aluna explica: “Eu tenho uma cadeira motorizada e após meu pai ter feito uma rampa na porta de minha casa para eu ir para a escola, ficou mais fácil. Mas isso só é uma rampa. Há ainda outras calçadas sem rampas, buracos e desnível no asfalto; e muita falta de consciência das outras pessoas. Não é nada fácil!” A aluna relata que como deficiente física, ela se encontra em um ambiente social cheio de problemas para sua acessibilidade e convívio escolar, comprometendo assim seu aprendizado e inclusão.

Quanto à escola, ela responde que: “Para entrar na escola é difícil por causa do portão que é estreito e com uma elevação. A porta da sala de aula também tem esse problema. As carteiras não são adaptadas e não consigo usar direito o caderno, livro e os materiais escolares. E no banheiro tudo é muito difícil, onde geralmente não dá para usar o sanitário; porque não há barras para eu segurar. Aí seguro a necessidade para usar o banheiro em casa. É um sufoco só. Queria que fosse diferente”. A declaração da aluna soa como um desabafo quando se nota as grandes e inúmeras dificuldades que esta enfrenta para estudar e viver em sociedade. Isso implica que as Políticas Públicas estejam voltadas a esta realidade, para que de fato ajam.

Quanto a melhoria de acessibilidade na escola, a aluna explica: “Há somente uma rampa na entrada da escola”. Toda essa situação a faz ficar muito infeliz e deixada de lado sem poder fazer o que todo mundo está fazendo.

A aluna ainda faz uma ressalva: “Desejo que as escolas sejam diferentes, que possam ser um lugar onde tanto os alunos normais quanto aqueles que têm necessidades especiais e dificuldades estejam sendo bem atendidos e acolhidos no ambiente”. Desta forma, a ressalva da aluna é uma necessidade urgente das escolas, onde as barreiras arquitetônicas precisam ser superadas com toda e qualquer forma de acessibilidade.

É perceptível neste relato o quanto as barreiras arquitetônicas impedem que a aluna esteja incluída totalmente na escola, tendo possibilidade de voltar-se ao aprendizado como maior objetivo, onde todo o sistema está adaptado.

5.4 Entrevista com a Professora

Quanto as Barreiras Arquitetônicas, a professora afirma que: “são todos os obstáculos e dificuldades que as pessoas com algum tipo de deficiência encontram em relação a acessibilidade como falta de rampas e adaptações em geral”.

Ela também afirma que neste ano tem somente uma aluna que é cadeirante; ela tem a deficiência física e intelectual leve.

A professora explica que: “As barreiras atrapalham muito no que diz respeito a permanência do aluno no ambiente escolar, pois é muito difícil estar e circular com ele em um local sem adaptações”. Conclui-se desta forma que o trabalho docente seria de mais qualidade se houvesse as adaptações necessárias dentro da escola, na sala de aula, facilitando o aprendizado da aluna e seu atendimento.

Há outra dificuldade que ressalta a professora: “Por sorte, esta aluna consegue ficar em sua cadeira e coloco uma carteira na qual ela consegue desenvolver suas atividades sem tantas dificuldades. Mas nenhum mobiliário é adaptado, dependendo do tipo de deficiência seria muito difícil ou talvez impossível. Fico pensando se estou fazendo o suficiente”. Essa fala implica em perceber a preocupação e compromisso da professora e o quanto a erradicação das barreiras arquitetônicas na escola facilitaria este trabalho e atendimento, poupando professor e aluno.

A professora explica: “A aluna especificamente não vai ao banheiro na escola, pois a mãe já controla suas necessidades de acordo com o horário. Porém, se isso fosse acontecer, seria muito difícil, pois o espaço é pequeno e não há adaptações como barras e pias com altura ideal. E eu sou sozinha na sala para conseguir atender bem esta aluna e os outros que também precisam de mim”. Assim, além das adaptações no banheiro, a construção de um fraldário com todas as adaptações necessárias também facilitaria o trabalho.

A professora diz: “Desta forma, as dificuldades são muitas. Pois, a escola não tem adaptações. Faz-se o que se pode de acordo com nossas possibilidades. Quanto à educação física não há como participar, geralmente é feito uma atividade com a aluna individualmente como estimulação cognitiva porque a quadra tem espaço e barreiras arquitetônicas que comprometem a aluna”. Esta fala fere o atendimento previsto pela inclusão na escola regular de ensino, sendo que tal fato foge a vontade da docente responsável pela aluna e do que realmente ela desejaria aplicar à aluna.

A professora sugere: “Seria bom providenciar adaptações das escolas para receber esta aluna e também capacitação para todos os profissionais porque as barreiras arquitetônicas é parte da inclusão, mas não é tudo para que se desenvolva o aprendizado”.

Assim, as barreiras arquitetônicas sob a visão da professora têm ocasionado dificuldades no processo de atendimento educacional da aluna, fazendo com que a professora sofra com essa situação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as Barreiras Arquitetônicas e o que elas causam para o aluno, destaca-se que estas prejudicam o desenvolvimento, participação e interação do indivíduo, repercutindo na família e na própria escola que atende este; sendo necessárias possíveis soluções para o problema, com a participação de toda a sociedade.

Tal realidade é constatada frente aos relatos da aluna, sua mãe e professora, onde todas as envolvidas no processo da inclusão têm sofrido consequências ferrenhas, cujo maior prejuízo se dá no desenvolvimento e aprendizado da aluna.

Ressalta Fávero (2010) que garantindo a permanência do aluno com deficiência na escola, utilizam-se adaptações físicas e materiais, com o objetivo de se garantir a inclusão plena. As adaptações são as medidas necessárias a garantir a participação da pessoa com deficiência, sem um ônus excessivo para as demais pessoas. Este é mais um motivo para a escola se preparar e se organizar para atender as diferenças com os profissionais que se dedicam ao atendimento educacional.

Mediante o recebimento destes alunos, as escolas procuram a tempo hábil sanar as pendências que ainda falta, quer seja através de verbas financeiras de Políticas Públicas, quer seja pela contribuição e apoio de entidades e comunidade.

Pois, acessibilidade na escola é entendida como uma premissa para o acesso dos alunos com necessidades especiais, desde a condição arquitetônica e a comunicação, passando pela produção de materiais didáticos acessíveis e o uso de recursos de tecnologia assistida na escola (FÁVERO, 2010).

Desta forma, as barreiras arquitetônicas são significadas pela professora, mãe e aluna como entrave na inclusão e na possibilidade de qualidade educacional e atendimento específico, seguro e de qualidade. O que pode ser derivado dessas barreiras é o prejuízo quanto a acessibilidade que assegura atendimento específico e acessível a aluna, facilitando e mediando o trabalho da professora, bem como da mãe.

Contudo, nota-se que a acessibilidade mediante a infraestrutura, com aspectos que permeiam a afetividade, onde o bom relacionamento dos professores com o aluna tem contribuído para a questão física e material do acesso, apresentado pela conquista do desejo de aprender, respeitando suas individualidades, criando ambientes mais agradáveis e propícios para a aprendizagem e práticas físicas.

Pellegrini e Zardo (2010) ressaltam que todos os ambientes devem ser delineados de forma a não segregar ou excluir pessoas, promovendo a socialização e a interação entre indivíduos. Pois, ambientes e equipamentos acessíveis não devem ser isolados dos demais espaços, possibilitando o uso independente, na medida do possível, por indivíduos com habilidades e restrições diferentes. Ressaltando que todos os espaços físicos (pátios, caminhos, salas, dentre outros) e seus componentes (como brinquedos, pisos, rampas e carteiras), devem permitir o desenvolvimento de atividades.

A infraestrutura sozinha não é capaz de resolver o processo de inclusão, mas é ela que somada a múltiplos fatores, especialmente o da afetividade, garante a construção do indivíduo enquanto partícipe da aprendizagem.

Assim, vencendo e superando as barreiras arquitetônicas, trilhando o caminho de superação, mesmo que paulatinamente, garantindo a existência e construção da infraestrutura em prol do deficiente físico, é possível ressignificar tal realidade.

Ao acompanhar o dia a dia desta aluna e de sua mãe, para realizar meu trabalho de pesquisa. Durante este período consegui identificar alguns aspectos que me tornaram mais suscetível para entender as dificuldades enfrentadas por elas, por todos seus familiares, bem como pela professora, para que o direito ao acesso e ao sistema educacional lhe fosse possibilitado.

7 REFERÊNCIAS

BRASIL apud DUTRA, C.P., SANTOS, M.C.D. **Os rumos da educação especial no brasil frente a o paradigma da educação inclusiva.**: R. Educ. esp., Brasília, v.5, n.2, p. 19-24, jul/dez. 2010.

FÁVERO,E.A.G. **Convenção da ONU sobre os direitos das pessoas com deficiência: avanços no ordenamento jurídico.** R. Educ. esp., Brasília, v.5, n.2, p. 25-31, jul/dez. 2010.

MENDES, E. G. **A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil.** Revista Brasileira de Educação, v. 11, n. 33, p. 387-405, 2006.

PAGLIUCA, L. M. F.; ARAGÃO, A. E. A.; ALMEIDA, P. C. **Acessibilidade e deficiência física:** identificação de barreiras arquitetônicas em áreas internas de hospitais de Sobral, Ceará. Rev Esc Enferm USP, v. 41, n. 4, p. 581-8, 2007.

PELLEGRINI, C.M., ZARDO,S.P. **Acessibilidade escolar:o direito ao acesso e à participação dos alunos com deficiência.** : R. Educ. esp., Brasília, v.5, n.2, p. 64-69, jul/dez. 2010.

REIS, Edina. **A Lógica da Pesquisa Científica.** 2 ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

SALVI, Inez. **A inclusão da pessoa com necessidades Educativas especiais no contexto educacional.** 2010. Disponível em <http://www.icpg.com.br/artigos>. Acesso em 15 Out. 2015.

SALVI, Inez. **A inclusão da pessoa com necessidades Educativas especiais no contexto educacional.** 2010. Disponível em <http://www.icpg.com.br/artigos>. Acesso em 15 Out. 2015.

SANCHES, C. *et al.* **Da inclusão à exclusão escolar.** Cruzando perspectivas e conceitos. Revista Lusófona de Educação Revista Lusófona de Educação, 8, 2006.

SIQUEIRA, C. V. S.; et al. Barreiras arquitetônicas a idosos e portadores de deficiência física: um estudo epidemiológico da estrutura física das unidades básicas de saúde em sete estados do Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(1):39-44, 2009.

TAGLIARI, C.; et al. Análise da acessibilidade dos portadores de deficiência física nas escolas da rede pública de Passo Fundo e o papel do fisioterapeuta no ambiente escolar. *REVISTA NEUROCIÊNCIAS V14 N1 - JAN/MAR, 2006 (010-014).*

APÊNDICES

Questionário usado para entrevista da mãe e da aluna:

- 1) Você sabe o que são as barreiras arquitetônicas? “Breve explicação”
- 2) Quais são as maiores dificuldades encontradas no percurso de sua casa até a escola?
- 3) Quais as dificuldades para que possa adentrar e permanecer no ambiente escolar?
- 4) Quais mudanças já ocorreram na escola que facilitaram seu dia-a-dia?
- 5) Como se sente quando você (no caso da mãe, sua filha) é impossibilitada de qualquer atividade devido a essas barreiras?
- 6) Quais são suas sugestões para que a inclusão escolar possa ocorrer verdadeiramente sem que as barreiras arquitetônicas atrapalhem?

Questionário usado para entrevista com a professora:

- 1) O que você sabe sobre as barreiras arquitetônicas? “Breve explicação”
- 2) Quantos alunos com NEE você tem em sua sala de aula?
- 3) O que as barreiras arquitetônicas dificultam na inclusão do aluno com NEE?
- 4) Como você lida com este aluno dentro de sala em relação ao mobiliário não adaptado para ele?
- 5) Qual a dificuldade ao ter que levar este aluno ao banheiro?
- 6) Quando o aluno usa fraldas, vocês têm um local apropriado para realizar as trocas?
Em caso negativo qual a solução encontrada?
- 7) Qual a dificuldade durante o lanche, educação física, quando as barreiras impedem o acesso deste aluno a outros ambientes escolares?
- 8) Quais suas sugestões para que essas barreiras deixem de ser um empecilho para que ocorra a verdadeira inclusão escolar?

ANEXOS

A- Carta de Apresentação – Escola (Modelo)



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Da: Universidade de Brasília– UnB/Universidade Aberta do Brasil – UAB

Polo: _____

Para: o(a): Ilmo(a). Sr(a). Diretor(a) _____

Instituição: _____

Carta de Apresentação

Senhor (a), Diretor (a),

Estamos apresentando a V. Sa o(a) cursista pós-graduando(a) _____ que

está em processo de realização do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com professores, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desse trabalho tem como objetivo a formação continuada dos professores e profissionais da educação, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

Desde já agradecemos e nos colocamos a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos no telefone: (061) 3107-6911.

Atenciosamente,

 Coordenador(a) do Polo ou Professor(a)-Tutor(a) Presencial

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar: **Profª Drª Diva Albuquerque Maciel**

B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professor (Modelo)



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhor(a) Professor(a),

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre _____. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Esclareço que este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

A coleta de dados será realizada por meio de _____ (*explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.*)

Esclareço que a participação no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como _____ (*explicitar instrumentos de coleta de dados*), ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone _____ ou no endereço eletrônico _____. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

 Assinatura do Pesquisado

 Assinatura do Professor

Nome do Professor: _____

E-mail(opcional): _____

C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais (Modelo)



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre _____. Assim, gostaria de solicitar sua autorização para que seu(sua) filho(a) participe do estudo.

A coleta de dados será realizada por meio de _____ (*explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.*)

Esclareço que a participação de seu(sua) filho(a) no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Seu(sua) filho(a) poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que a identificação seu(sua) filho(a) não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes da participação na pesquisa, tais como _____ (*explicitar instrumentos de coleta de dados*), ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone _____ ou no endereço eletrônico _____. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

 Assinatura do Pesquisado

 Assinatura do Pai/Responsável pelo Aluno

Nome do Pai/Responsável: _____

Nome do Aluno: _____

E-mail(opcional): _____

